

AUTONOMIA E MODALIZAÇÃO AUTONÔMICA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO EM ATO NA ESCOLA (Autonymy and autonymous modalization in the process of writing of school manuscripts)

ABSTRACT

This work aims to discuss the theoretical statute attributed to glosses, here understood as explanations or comments that arise while a pair of students is combining and writing an invented story. These glosses are created by them aiming a reformulation, a rectification, an erasement, from what was said previously. The methodological procedure through which the data was collected, consisted of filming a pair of students of 1st and 2nd grades of elementary school from the moment in which the students combine an invented story, to the moment of writing and concluding the story, peculiarity that enables the researcher to have access not only on what the pair of students discuss/talks about but also to what they write. From Authier-Revuz it was found the possibility of interpreting the autonymous modalization as a fact of the language and not as a communicational behavior. This way, in the return of the student about his/her saying, aiming to reformulate it, language is found – while system, on one hand and while mistake/misunderstanding, on the other hand – the discourse and the student, correlated to the non-coincidences that lay behind.

Keywords: Oral reformulation – Autonymy – autonymous modalization.

RESUMO

Aborda-se neste trabalho o estatuto teórico atribuído às glosas, aqui entendidas como explicações ou comentários, que surgem enquanto duplas de alunos estão combinando e escrevendo uma história inventada. Estas glosas são por eles emitidas objetivando uma reformulação, uma retificação, um apagamento do que foi dito ou escrito anteriormente. O procedimento metodológico através do qual os dados foram coletados, consistiu em filmar duplas da 1ª e 2ª séries do ensino fundamental desde o momento em que combinam uma história inventada, até o momento de escrevê-la e concluí-la, particularidade esta que permite ao pesquisador ter acesso tanto ao que a dupla conversa quanto ao que escreve. A partir dos trabalhos de Authier-Revuz, encontramos a possibilidade de interpretar a modalização autonômica como um fato de língua e não como um comportamento comunicacional. Neste sentido, no retorno do sujeito sobre seu dizer visando reformulá-lo, encontram-se a língua – enquanto sistema, por um lado e enquanto equívoco, por outro –, o discurso e o sujeito, atrelados às não-coincidências que aí perpassam.

Palavras-chave: reformulação oral – autonomia – modalização autonômica.

“Corrigir é aqui, estranhamente, acrescentar. Falando, eu não posso apagar, suprimir, anular, tudo o que eu posso fazer é dizer “eu anulo, eu apago, eu retifico”, enfim, falar outra vez.” Roland Barthes

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, gostaríamos de discutir sobre o estatuto teórico atribuído às glosas, aqui entendidas como explicações ou comentários, que surgem enquanto duas duplas de alunos das 1ª e 2ª séries do ensino fundamental de uma escola pública de Maceió-AL, estão combinando e escrevendo uma história inventada. Estas glosas são por eles emitidas objetivando uma reformulação, uma retificação, um apagamento do que foi dito ou escrito anteriormente, por isso, as chamaremos doravante de “glosas de reformulação”.

Durante o processo de escritura de histórias inventadas, constatamos, através da análise dessas glosas, que a reformulação oral é um lugar passível de ser marcado tanto pela “autonímia” quanto pela “modalidade autonímica”¹, ou seja, no ato de reformular, o aluno além de citar o termo que “falhou”, por vezes o descreve, o explica e o comenta, o que dá lugar a glosas metalingüísticas². A partir de uma via aberta pelos trabalhos de Authier-Revuz (1995, 1998), encontramos a possibilidade de interpretar o desdobramento reflexivo da modalidade autonímica não enquanto “estratégias” de um sujeito em sua interação com o outro, tampouco enquanto atividade intencional do sujeito sobre a “maquinaria conversacional”, mas como uma “proliferação da linguagem sobre

¹ Cabe apontar que a expressão “modalidade autonímica” foi cunhada por Authier-Revuz (1995, 1998) e é um fenômeno mais complexo – embora extremamente comum – que a autonímia. Na autonímia, um signo se dirige a ele mesmo enquanto signo, caracterizando-se como tal. Sejam os exemplos: (1) “A palavra ‘globalização’ vem adquirindo uma conotação pejorativa” e (2) “O intercâmbio cultural está hoje em dia cada vez mais ‘globalizado’, para empregar um termo que está definitivamente na moda”. No caso (1), encontramos uma das propriedades definidoras do signo autônomo, conforme definido por Authier-Revuz: “qualquer que seja a categoria gramatical de um signo-padrão, o signo autônomo correspondente é um *substantivo singular*, passível de ocupar uma função-sujeito. [...] Em todos os casos, o autônomo X pode ser substituído pela *palavra X*” (1998 p. 138). No caso (2) há um desdobramento, no nível da enunciação, de um dizer que fala da *coisa* “globalização” e fala da *palavra* “globalização”, ou seja, na modalização, o enunciador, além de usar o termo X, acrescenta ao uso desse termo um *comentário reflexivo* sobre seu uso, configurando um retorno sobre o dito. Na modalidade autonímica o signo é empregado e comentado ao mesmo tempo. É preciso dizer que a autonímia é parte constitutiva e necessária da modalização autonímica, de modo que toda modalidade autonímica supõe um fato de autonímia.

² Neste sentido, a existência da autonímia é fundamental para o exercício da metalingüagem. Utilizo “glosas metalingüísticas” em lugar de “metaenunciativas” na medida em que, para Authier-Revuz, a reflexividade do dizer (metaenunciativa) é um subconjunto da reflexividade metalingüística. Diz a autora: “o setor ‘meta-enunciativo’ do qual releva meu objeto se caracteriza como do metalingüístico” e remonta da auto-representação do dizer *se fazendo* (1995 p. 18).

si mesma” (1998 p.178). A modalização autonímica, desse modo, releva de um fato de língua e não de um “comportamento comunicacional”. O que se tem é um enunciador lutando com a não-transparência das palavras.

As glosas de reformulação têm a particularidade de comportar um dizer reflexivo e, ao mesmo tempo, opacificante sobre a língua, o sentido e a nomenclatura. Dessa forma, no retorno do sujeito sobre seu dizer visando reformulá-lo, refazê-lo, encontram-se a língua – enquanto sistema, por um lado e enquanto equívoco, por outro –, o discurso e o sujeito, atrelados às não-coincidências que aí perpassam.

A partir de Milner (1978, 2002), considera-se que a presença da equivocidade na língua tem como motor um encontro contingente entre o Real, o Simbólico e o Imaginário, o conjunto das três ordens que formam o nó borromeano, aquela figura proposta por Lacan e destinada a traduzir a trilogia da Realidade e do comportamento humano.

Segundo Authier-Revuz, todo dizer possui uma heterogeneidade que lhe é constitutiva, heterogeneidade que se deve aos efeitos (irremediáveis) que o Real exerce sobre o Simbólico. Melhor dizendo, a heterogeneidade constitutiva é aquilo que escapa, ao sujeito, da linguagem. A heterogeneidade mostrada, então, é a forma como o sujeito representa isto que lhe escapa, ou seja, como o sujeito imaginaria aquilo que lhe é inapreensível. O exemplo a seguir serve bem para ilustrar, a nosso ver, as heterogeneidades que marcam nosso dizer:

A situação melhorou com a... desculpe, *melhorou* não, *eu me expressei mal... eu ia dizer que a situação mudou* com a morte do seu marido...

Observa-se no exemplo acima, o sujeito tentando desviar o não-um que compareceu em sua fala, a seu despeito. Ao fazê-lo, ele acaba por citar o termo que lhe escapou (*melhorou*), o que marca tanto a presença da autonomia quanto da heterogeneidade constitutiva. Em seguida, ao tentar “consertar” o estrago que, de toda maneira, já estava feito, o sujeito emite um comentário acerca daquilo que escapuliu (*eu me expressei mal... eu ia dizer que a situação mudou...*). Este comentário é a forma como o sujeito representa o que lhe escapa, ou seja, a heterogeneidade mostrada.

Dito de outro modo, a heterogeneidade constitutiva marca-se, na fala do sujeito, pelas não-coincidências que afetam o seu dizer: homonímia, ato falho, ambigüidade, mal entendido: tudo o que está do lado do não-um da comunicação e que tem como pano de fundo o Real. Trata-se de uma não-coincidência constitutiva do sujeito na linguagem. Entretanto, esta não coincidência – que afeta a posição de domínio e de intencionalidade “estratégica” do sujeito – deve ser elidida através do Imaginário para que o sujeito se constitua como sujeito *de* linguagem. Esta elisão se dá através da função de desconhecimento – desconhecimento pelo sujeito de que sua representação do dizer seja da ordem do Imaginário.

São essas formas de elisão, ou seja, de apagamento do não-um que atravessa o dizer do sujeito que Authier-Revuz chama de “heterogeneidade mostrada”. A heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada são de ordens diferentes. Como diz Pêcheux (1982 p.19), “a ‘heterogeneidade constitutiva’ da língua não se confunde com a manipulação ostentatória da ‘heterogeneidade mostrada’”, pois elas são distintas, mas não disjuntas.

Na heterogeneidade mostrada, o sujeito representa e delimita, em seu dizer, os fenômenos de não-coincidência, os quais podem aparecer de 4 formas diferentes³:

(A) não-coincidência das palavras consigo mesmas, pois que tocadas pelo real da língua e pelo equívoco que ele gera;

(B) não-coincidência do discurso consigo mesmo, em que palavras de outro discurso “se apresentam”, “invadem” o discurso do sujeito;

(C) não-coincidência interlocutiva em que, sendo o sujeito não coincidente consigo mesmo, a relação interlocutiva passa a ser entre 2 sujeitos “não-simetrizáveis”;

(D) não-coincidência entre as palavras e as coisas, originária da radical heterogeneidade entre o Real e o Simbólico.

A partir dessas considerações, nosso objetivo neste artigo é o de apresentar dois dados que se configuram como sendo um caso de não-coincidência das palavras consigo mesmas, embora sua configuração tenha particularidades diferentes daquelas apresentadas nos dados analisados por Authier-Revuz⁴.

1 SOBRE A METODOLOGIA

A análise incidirá sobre duas narrativas ficcionais, ou seja, sobre dois trechos de histórias inventadas produzidas por duas duplas de alunos em situação escolar. Os episódios analisados têm uma característica bastante própria, pois os alunos são filmados⁵ desde o momento em que combinam a história até a sua escrita, de modo que tivemos acesso, através do diálogo, tanto às glosas de reformulação quanto ao que foi (ou não) escrito.

³ Utilizaremos a notação proposta pela autora, qual seja, “X” para a palavra autonímica, “Y” para a que a substituiu.

⁴ Vale apontar o trabalho de Figueira (2000), o qual analisa, também a partir dos trabalhos de Authier-Revuz, as glosas enunciadas por 2 crianças de 2 a 6 anos de idade. Buscando mostrar a propriedade reflexiva da linguagem e a capacidade que tem as crianças nesta faixa etária em produzir autonomia, Figueira classifica as glosas como sendo de 4 tipos: 1) retificações, réplicas; 2) palavras interditas; 3) definições; 4) comentários sobre casos de não-coincidência.

⁵ Este *corpus* foi obtido do banco de dados do Núcleo de Pesquisa em Aquisição de Linguagem Escrita (NPALe) da UFAL, que se encontra sob a coordenação do prof. Dr. Eduardo Calil.

Diante da peculiaridade deste dado – deixar a ver a face escrita da rasura e também as glosas que a desencadearam – pareceu-nos possível abordar estas glosas enquanto reformulações orais. Neste sentido, o que chamamos de “glosas de rasuramento” pode abarcar tanto um simples “não” rasurando oralmente o que foi dito antes para ser escrito depois, quanto aqueles comentários que podem ser interpretados como que apagando oralmente aquilo que foi ou que poderia ter sido escrito⁶.

2 UM CASO DE MODALIZAÇÃO

O fragmento que apresentaremos a seguir faz parte da história inventada “A princesa e o sapo”, escrita por F. e R., alunas da 1ª série de uma escola pública da cidade de Maceió-AL. Neste momento, F. está narrando e R. está escrevendo. Trata-se da história de uma princesa que saiu para passear pela floresta e se perdeu dos seus amigos. Encontrando um sapo, pediu-lhe que lhe informasse o caminho certo. Após o sapo tê-la ajudado, ela disse “adeus, sapinho”. O diálogo que se segue diz respeito justamente a esta despedida:

Fragmento <1>⁷

- 1) F.: “((continuando)) então ela encontrou... e então... então...”
- 2) R.: “((escrevendo)) [e en..].”
- 3) F.: “((impaciente)) bote o ‘t’! ((R. escrevendo “então” e F. continuando)) [e em tão ela] encontrou...controu..[ela ~~en~~ encontrou] e disse... adeus sapinho! ((repetindo)) então ela disse... adeus sapinho! mais caiu né uma bruxa... ((novamente percebe que R. não acompanhou, repetindo, enfática)) adeus sapinho! adeus sa..pi..nho...((R. continuando a escrever)) [ela falou a Deus] Deus, é? ((diz F., impaciente))”
- 4) R.: “((referindo-se ao ‘r’ que falta na palavra ‘encontou’)) deus! não tem o “r” não, deus!..”
- 5) F.: “é ‘D’? ((referindo-se ao “d” em maiúsculo))”
- 6) R.: “((impaciente)) é Deus, chama...”

⁶ Calil (2003), ao refletir sobre os procedimentos metodológicos desenvolvidos em seu trabalho, tem usado o termo “etno-metodologia do meta-enunciativo”, pois trata-se de um *corpus* coletado *in loco*, não-experimental, preservando as características do ambiente; pelo fato de registrar-se o diálogo entre 2 alunos acerca do texto que escrevem, este procedimento permite o acesso às meta-enunicações em curso durante o processo de escritura. Desse modo, o autor considera esses registros como se aproximando de um manuscrito, porém, oral.

⁷ Quando o nome da criança aparecer sublinhado, significa que é ela quem está escrevendo; já o [colchete] mostra o que o aluno está escrevendo naquele momento; entre ((parênteses duplos)) aparecem os comentários do pesquisador.

- 7) F.: “óia, Deus....”
- 8) R.: “óia aqui... Deus... chama a tia!” chama a tia!”
- 9) F.: “((chamando a professora)) ô tia! ((a professora se aproximando)) **tá certo a palavra ‘Deus’, adeus”?**
 ((a professora pede para que as crianças leiam para ela, e as crianças começam a reler a história))
- 10) R.: “encontrou... e então ela falou a Deus ... não tá certo? Deus... não tá certo?”
- 11) professora: “**adeus no sentido de ‘tchau’?** então é junto...”
- 12) R.: “então vai ter que riscar, né?” ((R. liga ‘a’ e ‘Deus’ com um tracinho)).
 (F. 7;3; R. 7;11)

É interessante observar que, em um primeiro momento, há uma certa indeterminação de “adeus”, pois, isolado do que o cerca, pode ser tomado como:

- (1) “a Deus”: encontrou o sapo e disse (dirigiu-se) a Deus;
- (2) “adeus”: forma de despedida que, segundo o Aurélio, significa “Deus te acompanhe, “vá com Deus”;
- (3) “ah, Deus!”: a interjeição “ah” dá mais força e realce às palavras a que se junta. Esta expressão geralmente externa aflição, surpresa.

Inicialmente, R. não descola para o “adeus”, no sentido de despedida, o que parece estar relacionado à indiscutível homofonia entre as formas acima expostas. Tanto que, quando F. (turno 3) questiona impacientemente “Deus, é?”, R. (turno 4), acredita que ela está referindo-se ao “R” que faltava na palavra “encontou”, inclusive, utilizando “Deus” como uma interjeição: “Deus! Não tem o “R” não, Deus!..”.

R., num primeiro tempo, parece não conseguir enxergar nenhuma diferença entre “a Deus” e “adeus”; sua escuta parece ser desencadeada por F. (turno 3) que insiste em mostrar o equívoco. A homonímia é, entretanto, uma barreira que ela não consegue (ainda) transpor. Todavia, após a interferência da professora (turno 11), R. reconhece a diferença.

Mais detalhadamente divisamos, no diálogo entre as alunas, dois momentos que contribuem para o descolar de R.. Primeiro é a escuta do professor (turno 11) – “adeus no sentido de ‘tchau’?” – e, segundo, a relação deste outro sentido que surge, agora, estabelecendo uma relação de oposição com o que seria previsível na continuidade da cadeia (“adeus, sapinho”). Desse modo, é apenas num só-depois que se vai criar, na relação de semelhança, uma diferença

guardada pela posição que “adeus” ocupa na cadeia. É através dos efeitos restritivos da cadeia que deve emergir a diferença, obliterando-se a semelhança. Assim, um termo adquire o seu valor dependendo da posição que ocupa na cadeia e das relações que mantém com outros através de movimentos de ampliação e de restrição (Lemos, 1995), produzindo tanto a unidade quanto a ruptura.

A opacidade de “a Deus/adeus”, remete ao que Authier-Revuz chama de “não-coincidência das palavras consigo mesmas”. A glosa de F. “tá certo a palavra ‘Deus’, ‘adeus’?” (turno 9) exprime um desdobramento reflexivo do dizer, produzindo um efeito de retorno. O sujeito, ao se deparar com essa plasticidade irremediável de que sofre a linguagem, promove um retorno metalingüístico sobre as palavras do seu dizer ou do dizer de um outro, como é o caso deste dado em que F. volta-se sobre o dizer de R.; entretanto, ao fazê-lo, ele acaba por testemunhar a sua opacificação, em que o dizer não se apresenta como evidente.

Esse dizer atesta que algo joga com o sentido das palavras, de que algo desposui o sujeito do sentido ao qual ele quer amarrar seu discurso e isto nos parece ir além de um problema ortográfico.

Entretanto, como observa Fenoglio (2002 p. 06), “a autonímia da retomada aparece somente se se explicita artificialmente a correção por uma glosa exterior ao enunciado produzido”. De fato, F. não diz explicitamente “no sentido de”. Quem faz isso é a professora, mas poderíamos interpretar a glosa de F. da seguinte forma: “tá certo a palavra ‘Deus’ (no sentido de) ‘adeus’?”

Essa negociação obrigatória do equívoco que se instaurou encontra-se presente no diálogo das alunas com a professora, pois divisamos na fala de F. uma tentativa de contenção da fuga de sentidos, ou, no dizer de Authier-Revuz, uma resposta de *fixação de um sentido*. A busca de fixação de um sentido, que se produz na forma de “X, no sentido de p”, ao mesmo tempo em que restitui ao sujeito o “domínio” do que está em curso na produção de sua fala ou escrita, testemunha e reafirma o encontro do sujeito com o não-um, com a “selvageria” da homonímia. Lembramos Milner (1978 p.13), quando afirma que

“...é sempre possível também – sem afastar-se da experiência imediata – fazer valer em toda locução uma dimensão do não-idêntico: é o equívoco e tudo o que o promove, homofonia, homossemia, homografia, tudo o que suporta o duplo sentido e o dizer em meias-palavras, incessante tecido de nossas conversações”.

Também Lacan, ao discorrer sobre a articulação do significante, afirma que

O que essa estrutura da cadeia significante descobre, é a possibilidade que eu tenho – justamente na medida em que sua língua é comum a mim e a outros sujeitos, isto é, na medida em que essa língua existe, – de me servir dela para significar algo totalmente diferente do que ela diz (1966 p.235).

Assim dizendo, o autor enuncia, por sua vez, a possibilidade de todo dizer ser afetado pelo que é da ordem do excesso, em que a comunicação se altera pela presença de um sentido ou de uma palavra “a mais”.

Explicitar um sentido, fixá-lo com relação a outras palavras, constitui, por si, o rompimento da evidência do Um, pois se, por um lado, esta “operação” (necessária) de sutura visa assegurar o Um, por outro e, inevitavelmente, constitui uma ruptura da evidência desse Um. Comenta Authier-Revuz que, se especificar um sentido configura um trabalho ativo, suturando ou preenchendo uma “falha” em X através do apagamento de sentidos impróprios, é porque X, em contraposição, os autorizou. Isto é, a materialidade da língua, a qual tem o equívoco como constitutivo, permite, autoriza que “a Deus” esteja propícia a fazer homonímia com “adeus”. Assim,

ao assumir o ‘esforço’ de especificar desta maneira o sentido de um elemento X, o enunciador dá testemunho da potencialidade de um sentido outro que ele ‘encontra’, não na língua, mas nas palavras aqui e agora, em contexto, e do qual deve proteger ativamente seu dizer (1998 p. 31).

Estes retornos reflexivos sobre as palavras do dizer, através da estrutura “X no sentido de p”, destinam-se à restauração do Um por esse traçado de suturas que a cadeia, em seu excesso de significância, requer.

3 UM CASO DE AUTONÍMIA

Durante o processo de escritura a dois de histórias inventadas, também observamos um tipo de glosa que qualificamos como sendo uma reação exclamativa, marcando uma surpresa (espontânea) na recepção, em forma de “X...eita! X!”, “X...olha! X!”. O fragmento abaixo foi retirado da história inventada “João e o Galo”, escrita por L. e K., alunas da 2ª série de uma escola pública de Maceió-AL.

Fragmento <2>

1) L.: “e foi...[e foi] trabalhar...[trabalha]”

2) K.: “assim amanheceu a noite... **eita!** ‘**amanheceu a noite!**’! **Óia!** (as crianças começam a rir)...assim anoiteceu..”

(K. 13;4; L. 13;11)

A repetição do enunciado e seu destacamento pela entonação parecem aqui marcar este retorno reflexivo como sendo uma autonomia, ou seja, a aluna

comenta um signo que assume, em sua fala, uma função-sujeito. No episódio acima, talvez seja possível mostrar que, além dos termos que se sucedem na linearidade do dizer, divisamos outros que o reconfiguram, estando subjacentes, cujo efeito é tanto suspender a significação quanto deslocar o sentido para um outro lugar. Aqui, é o próprio enunciador que recebe sua fala e a resposta por ele dada demonstra uma perplexidade com relação a seu próprio enunciado.

Essa perplexidade tem como forma a repetição do que foi estranhado: “X, eita! X! Óia!”. Esta forma de retornar sobre o dizer corresponde a um apagamento, um rasuramento do que foi dito. Do ponto de vista do funcionamento da língua, o que a glosa de surpresa parece ilustrar é a emergência do jogo significante. Neste momento, em que tudo bascula e o sentido se esvai, Milner (1987 p. 25) nomeou-o bem, “ponto de poesia”: “para uns, é a morte, para outros, o obscuro, ou ainda, o sentido mais puro que se atinge arrancando as palavras do círculo da referência ordinária”.

Assim, no enunciado de K. “amanheceu a noite”, entrevemos uma relação subjetiva com o equívoco que joga com as palavras. Singularidade que é, como diz Lemos (1996 p.09), “paradoxalmente marcada pela forte presença de fragmentos da fala do outro na da criança, assim como por relações imprevisíveis entre esses fragmentos, resultando em enunciados insólitos, cujo efeito pode chegar a aproximá-los do chiste e do poético”.

A partir deste enunciado, “amanheceu a noite”, talvez seja possível mesmo falar de uma “presença da poesia” na fala da criança. Jakobson (1999 p.114), para quem não há contraste entre a estrutura da poesia e os outros tipos de estrutura verbal, ao analisar as imagens noturnas e diurnas na poesia francesa, afirma que esta “carrega de roupagem os vocábulos contraditórios”. Interpretar este enunciado buscando ir para além do que a lingüística vê como violação, é preciso lançar mão de uma estrutura que comporte a subjetividade e olhar para além do que vemos a olho nu, isto é, para os mecanismos subjacentes a estes enunciados.

Ao discorrer sobre os pólos metafóricos e metonímicos como constitutivos do funcionamento da linguagem, Jakobson comenta sobre um “teste psicológico bem conhecido” (Idem ibid. p.115), em que crianças são colocadas diante de um nome e precisam manifestar o que lhes vêm à mente. As respostas à palavra-estímulo “choupana” foram, por contigüidade, “queimou”, por similaridade, “é uma casinha”, “cabana”, “choça” e o antônimo “palácio”. Segundo Jakobson (Idem ibid. p. 56),

A capacidade que têm duas palavras de se substituírem uma à outra é um exemplo de similaridade posicional e, além disso, todas as respostas estão ligadas ao estímulo por similaridade (ou oposição) semântica.

Ora, no turno 2, o significante “amanheceu” parece, por um lado, substituir metaforicamente “anoiteceu”, por similaridade oposicional semântica e, por outro, convocar metonimicamente e, novamente por oposição, o significante “noite”. Mas a complexidade deste enunciado não pára por aí. O dizer “amanheceu a noite” pode estar substituindo “anoiteceu” através de um jogo metafórico em que outras cadeias, como “chegou a noite”, “veio a noite” etc., e, inclusive “anoiteceu”, permanecem latentes. Nesse caso, “amanheceu a noite”, mostra como cadeias manifestas podem (re)velar estruturas latentes.

Do mesmo modo, “e foi trabalhar”, pode convocar, por uma relação de contigüidade metonímica, “amanheceu”. Vale apontar ainda que o mesmo fenômeno ocorre antes, quando as duas alunas ainda estavam combinando a história e é novamente K. quem diz:

Fragmento <3>

1) L.: “aí ele teve que pular o castelo...”

2) K.: “aí...aí ele deixou...deixou **anoitecer o dia... eita! a noite...deixou anoite... anoitecer...**”

(K. 13;4; L. 13;11)

Assim, “anoiteceu” parece novamente convocar, por contigüidade oposicional, “dia” e a cadeia “anoiteceu o dia” parece manter, em sua latência, “veio a noite”, “escureceu”, “acabou/findou o dia”, etc.

Mas “amanheceu a noite”, enunciado equívoco por excelência, abre-se ainda para outras interpretações, tal a eficácia simbólica da língua: “amanheceu a noite” pode metaforicamente, no sentido de figura de linguagem, ser interpretado como “findou o dia”, “começou a noite”, “acabou a noite”, “clareou”, “o dia já amanheceu”, etc., testemunhando *ao contrário*, as intenções de K., isto é, testemunhando que não há como instituir qualquer intencionalidade à fala do sujeito. Dizendo de outro modo, a intencionalidade é um efeito do “só-depois”. Ela é uma instância Imaginária que se impõe à instância Simbólica, dando ao sujeito uma ilusão de controle e autonomia diante do funcionamento da língua.

É interessante observar o que Isso que irrompe no lapso pode provocar em um sujeito pego de surpresa: consternação, constrangimentos, ofensa (n’outro), prazer, riso. Poesia. Observamos que a reação das alunas foi o riso e, por que não, prazer. Entretanto, a rasura oral de K., no 1º episódio, “eita!...amanheceu a noite! Óia!...” e no 2º, “eita!...a noite...” mostram uma relação da aluna com a linguagem muito diferente daquela que tem, por exemplo, o poeta. O poeta é aquele que, como diz Veras (1999 p. 131), se aproveita do lapso para fazê-lo florir e cuja escuta vai em busca de uma diferença, ao passo que a escuta da

criança parte em busca da norma, da semelhança, colocando, em geral, uma dúvida que apaga a diferença.

A angústia/espanto, presentificada na fala de R. no turno 2 do fragmento <1> e a surpresa/riso/deleite presente nas falas de L. e K., respondem por aquilo que Milner (1983 p. 14) comenta sobre o instante da desamarração borromeana, relacionando-o a uma série de figuras: “explosão do sentido, onde se desfaz a trança dos tecidos das significações, (...) onde se esvaecem semelhanças e dessemelhanças, onde o Um, ele próprio abandona seus poderes”.

4 ALGUNS APONTAMENTOS FINAIS

Não há como negar que a reformulação pode permitir a “correção”, a melhora no texto e, neste processo de escrita a “quatro mãos”, são as glosas que vão construindo o caminho. Contudo, paradoxalmente, por um trabalho de “precisão”, agindo sobre o sentido, a forma gráfica ou ortográfica do que vem sendo escrito ou dito, as glosas podem, ainda, *opacificar* o discurso, na medida em que revelam o trabalho do real sobre a língua.

No plano da linguagem, a verdade do Real fala pelo significante, isto é, pelo Simbólico e é marcado por uma radical imprevisibilidade, ou seja, não se sabe quando nem quais efeitos ele produzirá através da linguagem. Cada demanda de sentido é acompanhada por um tempo de *non-sens* anterior logicamente à produção de sentido. Este momento lacunar se dá por um equívoco que suspende por um instante a significação.

A análise destes dados mostra que a fala e a escrita parecem produzir-se entre 2 forças opostas: de um lado, aquela de um Real afetando as palavras da língua de um equívoco, “pegando” o sujeito no erro, inscrevendo na tecitura de sua fala/escrita um espaço de heterogeneidades; de outro, aquela do Imaginário, exercendo uma força de coesão buscando (as)segurar o Um, a unidade, reencaminhando o dizer ou a escrita - antes rompidos - para novamente fazer sentido.

Ainda com relação às glosas de reformulação, parece possível apontar que elas alteram a transparência do dizer e relativizam, ou melhor, colocam em xeque noções como “domínio”, “consciência lingüística” e língua enquanto “objeto submetido à reflexão”, bastante presentes na literatura dominante na área. É o que testemunham Lier-de-Vitto e Fonseca (1998 p. 51), ao dizerem que

“na área da aquisição da linguagem, as reformulações/correções/auto-correções são, em regra, tomadas como evidências empíricas de uma capacidade que se diz metalingüística. Tal expressão é utilizada para designar um momento na história do desenvolvimento em que a criança dá sinais de estar “monitorando” a linguagem”.

Entretanto, as glosas de rasuramento, sejam elas expressas através de modalizações autonímicas ou simplesmente autonímias, marcam o enunciador como aquele que, em determinado ponto, não faz *um* com o seu dizer, afetando a *unidade* do discurso de uma reflexividade que, longe de supor controle, a opacifica.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. (1995) **Ces mots qui ne vont pas de soi. Boucles réflexives et non coïncidences du dire**. Paris: Larousse (Coll. Sciences du Langage).
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline (1998) **As Palavras Incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas: Editora da Unicamp.
- CALIL, Eduardo (2003) “Processus de création et ratures: analyses d’un processus d’écriture dans un texte rédigé par deux écoliers”. **Langages & Société, 103: Ecriture en acte** (Irène Fenoglio, éd.) (31 – 55).
- CALIL, Eduardo & SOUZA, Pedro (2003). “Manuscritos literários e manuscritos escolares: a rasura como marca de subjetividade”. **Anais do III Congresso Internacional da Abralín 2003**.
- FENOGLIO, Irène (2002) “L’autonymie dans les rectifications de lapsus”. In: **Le fait autonymique. Presses de l’Université de Paris III**.
- JAKOBSON, Roman (1999) **Linguística e Comunicação**. S. Paulo: Cultrix.
- LACAN, Jacques (1953) “O Simbólico, o imaginário e o Real” (<http://psiconet.com>)
- LACAN, Jacques ([1966]1996) **Escritos**. São Paulo: Perspectiva.
- LACAN, Jacques ([1972-73]1985) Seminário 20: **Mais, ainda!** R. Janeiro: Jorge zahar.
- LEMOS, Cláudia T. G. de (1995) Corpo e Linguagem In: **Corpo - mente: uma fronteira móvel**. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo.
- LEMOS, C. T. G. (1996) “A poética e o significante”. **Eco 2 Maceió (AL)**: Publicação do grupo de psicanálise Traço (1 – 19).
- LIER DE VITTO, Maria F. & FONSECA, Susana C. da (1998) “Reformulação ou ressignificação?” In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos, 33** (51 - 60) Campinas: IEL/ Unicamp.
- MILNER, Jean-Claude (1983) **Les noms indistincts**. Paris: Ed. Du Seuil.
- MILNER, Jean-Claude (1978) **L’Amour de la langue** Paris: Seuil.
- MILNER, Jean-Claude (2002) **Le Périple structural: figures et paradigme**. Paris: Seuil.
- PÊCHEUX, Michel (1982) “Sur la (de)construction des theories linguistique”. In: **DRLAV 27**. Paris.
- VERAS, Viviane (1999) **Lingüisterria: um chiste**. Tese de doutorado. Campinas: IEL/ Unicamp.